



## ENSINO DE SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DOCUMENTÁRIOS “CRIP CAMP” E “UM LUGAR PARA TODO MUNDO”

Lilian Maria da Silva Mello <sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho centra-se na análise de dois documentários, “Crip Camp (2020)” e “Um lugar para todo mundo (2021)”, no contexto do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, realizado em 2023. Neste quadro específico, os filmes são vistos através de um duplo prisma: primeiro, como uma representação das experiências de indivíduos com deficiência (Diniz, 2006); em segundo lugar, como as experiências individuais e coletivas retratadas nos filmes nos ajudam a repensar o modelo educacional vigente (Mantoan, 2023). A abordagem da análise é qualitativa ao justapor ambos os documentários – buscando pontos em comum e disparidades em sua representação. Os direitos de acessibilidade e integração social dos indivíduos foram identificados através dos elementos-chave de cada filme. Esse estudo exploratório tem como objetivo analisar as diferentes narrativas sobre deficiência, sua influência na nossa percepção e, conseqüentemente, no nosso comportamento nos campos educacionais e sociais. Assim, a educação inclusiva é vista como uma estratégia fundamental para garantir que todos/as usufruam dos direitos de aprendizagem, tendo oportunidades de participação social, independentemente de suas condições físicas, sensoriais e/ou cognitivas. Desenvolver um ambiente de aprendizagem que defenda a diferença como um valor, permitindo que cada indivíduo se desenvolva plenamente, contribui para promoção da equidade social. Neste sentido, a diferença é notada de forma positiva e não como um obstáculo. A análise dos documentários sublinha a necessidade de revolucionar as esferas educativas e sociais, garantindo que a inclusão seja eficaz e que valorize a diversidade.

**Palavras-Chave:** Ensino de Sociologia, Inclusão, Estágio supervisionado, Cinema.

### INTRODUÇÃO

Este estudo tem como base a análise dos filmes documentários *Crip Camp* (2020) e *Um lugar para todo mundo* (2021), que exploram as vivências complexas e frequentemente desafiadoras de pessoas com deficiência. Durante o Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, realizado em 2023, esses documentários foram examinados com o intuito de compreender de que forma as histórias sobre deficiência podem impactar as percepções e atitudes sociais e educacionais. A análise investiga

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira - CE, lilianmmello22@gmail.com



como as experiências apresentadas nesses filmes nos desafiam a repensar e transformar o atual modelo educacional (Booth e Ainscow, 2011).

A incorporação de materiais audiovisuais, especialmente documentários que retratam dinâmicas sociais complexas, aumenta significativamente a eficácia do ensino de Ciências Sociais (Souza, 2017). Para enriquecer ainda mais a experiência de aprendizagem, os estágios supervisionados oferecem aos educadores a oportunidade de trazer a teoria sociológica à ação num ambiente do mundo real. Isto permite-lhes realizar uma avaliação abrangente e criteriosa de assuntos como inclusão e acessibilidade. Além de servirem como documentação visual, essas obras cinematográficas oferecem uma perspectiva única para os desafios diários e as realizações notáveis de pessoas com deficiência. Obras cinematográficas como *Crip Camp* (2020) e *Um lugar para todo mundo* (2021) tratam de narrativas pessoais e da dinâmica política sobre identidade, direitos civis e inclusão social, oferecendo uma visão ampla das questões associadas à deficiência.

O documentário, *Um lugar para todo mundo* (2021), retrata a realidade de inúmeras crianças com deficiência a partir da história de Emílio, uma criança de três anos que estava próxima de ser inserida na escola, mas a sua família percebe que há empecilhos do sistema educacional, além de ocorrer práticas discriminatórias. A família de Emílio luta incansavelmente para que o estudante possua os direitos a uma educação inclusiva, e não integrativa ou segregadora, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

Para Mantoan (2003), a inclusão é um produto de uma educação plural e, consequentemente, se torna democrática e transgressora. A prática integrativa proporciona a exclusão desse/a aluno/a que fora excluído/a anteriormente. Conforme a autora, há uma designação referente aos estudantes que ficam agrupados em escolas/espços especiais. De acordo com o trecho abaixo:

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar — da classe regular ao ensino especial — em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de uma concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados (Mantoan, 2003, p. 14).

A prática de incluir não significa misturar e tornar aquele indivíduo em um resultado esperado, inserido de forma imediatista, mas dar espaço para compreendermos as diversas diferenças e expressões que possuímos enquanto sociedade.

As pessoas com deficiência tiveram suas vidas demarcadas, pois o processo histórico é uma forma de demonstrar esse meio de exclusão, além da opressão social, em que estes foram impedidos/as, e ainda são, de atuar na sociedade em condições de igualdade com os demais indivíduos. Embora Mantoan (2003) debata sobre esse fator da inclusão, a perspectiva que trago



para traçar o paralelo com a questão da educação transcorre pela concepção do capacitismo. Campbell (2008) postula que dentro do domínio da sociedade moderna, existe uma visão corporal obrigatória. Esta visão enraíza a capacidade nos processos de direitos até à negação da personalidade dos indivíduos com deficiência. Em vez disso, são relegados a serem rotulados como parte de um novo grupo de identidade entre outros que partilham uma característica física, intelectual ou sensorial específica: um elemento desvinculado do reconhecimento como humano.

Atualmente, em diferentes campos têm-se como concepção a necessidade de compreender a pessoa com deficiência e suas invisibilidades nas relações em decorrência das estruturas capacitistas, que atravessam e constroem os espaços. Não obstante, tal percepção demanda um estudo não só sobre a história da deficiência, mas também sobre os diversos e complexos marcadores sociais que transversalizam a constituição dos sujeitos. Os estudos sobre deficiência ampliaram muito nas últimas décadas, com os diálogos entre os movimentos negro e feministas. Ainda, incorporou o arcabouço teórico e legal acerca do tema, com o advento de leis que pretendem a garantia de direitos à essa população. Entretanto, materialmente, ainda permanecem barreiras que impossibilitam a plena existência das mulheres com deficiência na sociedade (Lopes; Solvalgem; Busse, 2020, p. 131).

Partindo desse pressuposto, é pertinente realizar uma análise referente à citação acima com o documentário *Crip Camp* (2020). Em uma das cenas, é retratado como alguns indivíduos leem as pessoas com deficiência, associando-os ao conceito como algo que falta, “não eficiente”, e que, de certa forma, se torna pejorativo. É perceptível como o acampamento de verão, retratado no filme, tornou-se um espaço de compartilhamentos, afeto e uma utopia, onde não havia um mundo externo. Essas falas – “Mesmo jovens, empoderávamos uns aos outros. Nos permitiu perceber que não precisávamos seguir o status quo” e “No acampamento, vimos que nossa vida podia ser melhor” – foram feitas a partir das pessoas que estavam nesse território<sup>2</sup>. A partir do momento que era “encerrado” esse acampamento, é notório como isso afetava as pessoas que dele participavam, pois ali eles(as) eram vistos apenas como indivíduos.

De acordo com a afirmação de Goffman (1980), é evidente que os indivíduos pertencentes a certos grupos – tais como os desviantes intragrupos, os desviantes sociais, os membros de minorias e as pessoas das classes mais baixas – podem acabar por agir como pessoas estigmatizadas. Esses indivíduos ficariam inseguros quanto à recepção que os espera durante as interações face a face e profundamente absortos nas respostas dos outros devido a esta situação. Esta realidade básica acontece porque quase todos os adultos precisam manter relações com organizações de serviços – tanto públicas como privadas – onde se espera um tratamento educado e uniforme. Tais configurações imitam apenas uma abordagem baseada no

---

<sup>2</sup> Trechos retirados do documentário *Crip Camp*

cidadão, mas proporcionam oportunidades para preocupações com avaliações de valor num nível diferente.

A exclusão que ocorreu durante o período escolar e a dificuldade da inserção desses cidadãos foram expostas nesse documentário, e é algo em comum que podemos compreender em *Um lugar para todo mundo* (2021). Mas, para além de todas as circunstâncias, a força e a luta dessas pessoas foram incalculáveis. Um movimento foi se estruturando, Judith Ellen; conhecida como Judy, ela foi uma figura excepcional de liderança, reconhecida internacionalmente, e que lutou pela garantia dos direitos civis das pessoas com deficiência. A ativista foi fundamental para a concretização de legislações, dentre elas, a Seção 504, conhecida como a lei federal para proteger os direitos de cidadãos com deficiência, nos Estados Unidos.

## **METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa explora a influência das narrativas retratadas nos filmes sobre as perspectivas sociais e educacionais relacionadas à deficiência, ao mesmo tempo em que investiga o retrato da inclusão de indivíduos com deficiência no sistema educacional. Utiliza-se o uso de dois prismas para esta análise: (1) representar as experiências das pessoas com deficiência conforme proposto por Diniz (2006) e (2) compreender essas experiências no contexto de repensar nosso modelo educacional atual conforme apresentado por Mantoan (2023). Com esses parâmetros em consideração, é possível estruturar uma comparação entre os filmes. Esta comparação procurou trazer à tona elementos salientes em ambas as obras, focando em sua abordagem. Os critérios permitiram uma comparação estruturada entre os filmes, destacando semelhanças e diferenças em suas abordagens e representações.

O principal objetivo da investigação foi compreender como as narrativas cinematográficas moldam a opinião pública sobre a deficiência, e como se dá a compreensão educacional, e quais são as implicações subsequentes que estas percepções têm para a instituição de práticas inclusivas num sistema educativo.

A escolha dos documentários deveu-se à relevância e profundidade com que cada um aborda questões relacionadas à deficiência. *Crip Camp* (2020) narra os acontecimentos de um acampamento para jovens com deficiência nos Estados Unidos, ponto de origem do movimento pelos direitos civis entre pessoas com deficiência. *Um lugar para todo mundo* (2021) retrata a luta de uma família para garantir uma educação inclusiva para Emílio, uma criança com síndrome de Down, de três anos, nos Estados Unidos. Esses dois documentários foram selecionados não só porque ambos se aprofundam no tema, mas também porque oferecem



ângulos diferenciados e que se complementam sobre a inclusão social e educacional de pessoas com deficiência.

O uso de recursos audiovisuais potencializa muito o ensino de sociologia (Souza, 2017), principalmente documentários que retratam esferas sociais intrincadas. É através desta supervisão de estágio que aqueles que aspiram a ser educadores/as encontram um caminho para aplicar teorias sociológicas em contextos reais; portanto, capaz de analisar crítica e profundamente áreas como inclusão e acessibilidade, que normalmente são baseadas em circunstâncias práticas.

A avaliação dos documentários assume uma perspectiva qualitativa (Triviños, 1987) com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças na forma como retratam a vida de pessoas com deficiência. Este estudo baseia-se em trabalhos teóricos sobre deficiência (Diniz, 2006) e em discursos atuais relativos a quadros educacionais inclusivos (Mantoan, 2023).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Uma abordagem da sociologia, no âmbito da educação inclusiva, apresenta uma interação de desafios e possibilidades. A principal preocupação da sociologia da educação como disciplina é identificar as interações e estruturas sociais que impactam o sistema educacional. Em consonância com Pierre Bourdieu (1984), a escola é um lugar onde se espelha a desigualdade da sociedade, pois serve como local de reprodução social. Esta teoria ajuda-nos a compreender como certas práticas podem promover a exclusão ou apoiar a inclusão – a realização e a implementação, que derivaram deste estudo, poderiam atuar de formas diametralmente opostas.

No domínio da inclusão educacional, compreender o *habitus* – um conceito desenvolvido por Bourdieu – é fundamental. O *habitus* encapsula aquelas disposições arraigadas que ditam nossas percepções, ações e lugar no mundo. No ambiente escolar, o *habitus* dos professores e alunos/as têm um grande impacto nas abordagens pedagógicas e nas mentalidades de inclusão. A transformação do *habitus* escolar é crucial para estabelecer um ambiente verdadeiramente inclusivo — onde todos/as os/as alunos/as se sintam valorizados/as e apoiados/as, independentemente das suas particularidades.

A teoria do capacitismo de Campbell (2008) apresenta uma percepção crítica através da qual a análise de como a desigualdade é perpetuada para pessoas com deficiência pode ser vista sob o ângulo das normas sociais e culturais. De acordo com Campbell, o capacitismo cria barreiras nas estruturas sociais que dificultam e impedem a plena participação das pessoas com



deficiência. Tal como postulado por Goffman (1980), estes jovens passaram de estigmatizados a agentes de mudança; eles redefiniram o que significava ser uma pessoa com deficiência aos olhos da sociedade e exigiram reconhecimento juntamente com direitos.

Os documentários fazem, portanto, mais do que apenas sensibilizar o público sobre estas questões; eles também chamam a atenção para as normas destacadas por essas produções como necessitando de mudança e incitam a reflexão crítica sobre por que tais mudanças deveriam ocorrer. Em essência, o ensino da sociologia entrelaça-se com a educação inclusiva, uma vez que ambas visam compreender as dinâmicas de poder através de teorias sociológicas que explicam como funciona a exclusão.

O documentário *Crip Camp* (2020) desvenda a jornada de um grupo de jovens com deficiência que, através de uma experiência de acampamento de verão, constroem uma identidade e eventualmente lideram um movimento pelos direitos civis de pessoas como eles. Goffman (1980) descreve estes jovens em transição da invisibilidade para agentes que exigem direitos e respeito; o seu ativismo redefiniu o que significava ser pessoa com deficiência e a que tinham direito.

*Um lugar para todo mundo* (2021) contextualiza a luta de uma família para garantir a matrícula de seu filho na escola regular. O documentário sublinha os obstáculos sistêmicos e culturais que ainda pairam na educação inclusiva, como aludido por Mantoan (2003). A inclusão genuína não se limita a situar os alunos com deficiência entre os seus pares regulares; implica uma revisão completa do ambiente escolar e das abordagens pedagógicas para criar um espaço de aprendizagem abrangente (Mantoan, 2003).

As discussões propostas por Diniz (2006) também seriam apropriadas para refletir sobre a vida das pessoas com deficiência e os impedimentos que encontram em uma sociedade estruturada no capacitismo. Diniz (2006) salienta que a deficiência deve ser vista não apenas como uma deficiência individual, mas como um produto de como a sociedade está organizada para estigmatizar e condenar certos indivíduos ao isolamento social. Com estas lentes, a educação inclusiva não pode ser simplesmente uma prática pedagógica; deve equivaler à justiça social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ambos os documentários marcam pela sensibilidade, vitória, obstáculo e luta. A importância de reconhecermos que somos todos diferentes e que cada ser humano possui sua especificidade nos permite entender e valorizar a diversidade.



Portanto, a pluralidade e sua aceitação devem ser direitos fundamentais de um cidadão e uma cultura em que a educação seja pensada, planejada e organizada para o aperfeiçoamento da própria sociedade. A diversidade deve existir na construção de programas de educação participativa em respeito às diferenças, independente de classe, gênero, etnia etc. É um meio de garantir o exercício dos direitos de cidadania e fortalecer os laços sociais. O reconhecimento deste direito significa dar respostas diferenciadas às diversas necessidades educacionais das pessoas.

*Crip Camp* (2020) transporta-nos para uma era diferente – a era do movimento pelos direitos civis das pessoas com deficiência nos Estados Unidos. O documentário captura um acampamento de verão que serviu de núcleo para o envolvimento político e a defesa dos direitos na década de 1970. Por outro lado, *Um lugar para todo mundo* (2021) investiga as batalhas diárias de uma família contemporânea. Este forte contraste entre as duas narrativas revela duas realidades muito diferentes: i) uma transformação de proporções históricas em que os indivíduos lutaram arduamente pelo seu espaço na sociedade; ii) um retrato comovente dos desafios atuais à medida que são feitos esforços para incorporar a dignidade e a inclusão na vida cotidiana. Duas histórias, duas linhas do tempo, um tema comum: resiliência no desafio às adversidades lançadas por diferentes épocas sobre aqueles que ousam trilhar o seu caminho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aprofundou-se nos documentários *Crip Camp* (2020) e *Um lugar para todos o mundo* (2021) referentes ao Estágio Supervisionado III, do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, em 2023. A inclusão é mais do que reconhecer um grupo diversificado, que abrange pessoas pertencentes a culturas diferentes ou possuidoras de talentos diferentes, deve ser visto como parte da cultura organizacional. É necessário um sistema de valores que celebre a diversidade como um valor fundamental. Transformar as nossas estruturas educativas em estruturas verdadeiramente inclusivas promove não só a justiça social, mas também garante que o ambiente seja rico para proporcionar a todos oportunidades iguais, bem como o espírito de pertença – promovendo, assim, a coesão social e até mesmo preparando a sociedade para desafios futuros com empatia e compreensão.

Portanto, não se trata apenas de mostrar como as pessoas com deficiência passam por determinadas experiências – mas também sobre essas narrativas que desafiam e enriquecem a nossa percepção da importante necessidade de uma educação inclusiva. Exige a participação e colaboração de todos os setores da sociedade – todos os intervenientes em ação. Tendo isto em conta, a educação precisa ser reconhecida como um instrumento eficaz para a promoção da

equidade e igualdade. No entanto, os currículos especialmente concebidos e um trabalho constante de preparação dos professores constituem dois componentes principais: qualquer escola deve tornar-se um lugar agradável, acolhendo cada aluno, bem como as suas particularidades de desenvolvimento, e respeitando as suas diferenças individuais.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para Inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Tradução: Mônica Pereira dos Santos. 3. ed. LaPEADE: Rio de Janeiro, 2011.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Refusing Able(ness): A Preliminary Conversation about Ableism**. *M/C Journal*, v. 11, n. 3, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5204/mcj.46>. Disponível em: <https://www.journal.media-culture.org.au/index.php/mcjjournal/article/view/46>. Acesso em: 3 jun. 2024.

DINIZ, Debora. **O que é Deficiência**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. GORZ, André.

LOPES, Paula Helena; SOLVALAGEM, Alana Lazaretti; BUSSE, Fernanda Grangeiro Maly Seixas. **Em vistas da coligação: a interseccionalidade como ferramenta da luta anticapacitista, antirracista e antissexista**. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: Crv, 2020. p. 129-144. Disponível em: [https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/14609\\_livro-estudos-sobre-deficiencia-2020.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/14609_livro-estudos-sobre-deficiencia-2020.pdf). Acesso em: 29 de jun. 2024

MANTOAN, Maria Teresa. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo: Moderna , 2003. — (Coleção cotidiano escolar).

NEWNHAM, Nicole; LEBRECHT, Jim (Diretores). *Crip Camp: Uma Revolução pela Inclusão*. [Filme]. Estados Unidos: Higher Ground Productions; Netflix, 2020.

SOUZA, Lane Lopes de. **A IMAGEM COMO PROPOSTA SOCIOLÓGICA: A aplicação de dispositivos audiovisuais na disciplina de Sociologia em um colégio da rede estadual de Niterói em 2017**. 2017. Monografia – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SOUZA, Lígia Márcia Teixeira de. **Cinema e Educação: Produção e Recepção de Filmes na Sala de Aula**. São Paulo: Summus, 2017.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Ática, 1987.



UM LUGAR PARA TODO MUNDO. Direção Olivier Bernier. Produção Rota 6 Filmes e Maria Farinha Filmes. Brasil, 2021. Globo Play Filmes- Youtube ( 1h e 43 min).